



SABER AMAR
É SABER RESPEITAR



CAMPAÑA DE COMBATE
À VIOLENCIA NAS ESCOLAS

Cartilha para o educador

CULTURA DO ESTUPRO

Presente!

**De 25 de novembro
a 10 de dezembro de 2017**

**16 dias de ativismo
pelo fim da violência
contra as mulheres.**



GENTIL

*Personagem da campanha
Saber amar é saber respeitar.*



DESCONSTRUINDO A CULTURA DE ESTUPRO

O 9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2015), em 2014, registrou 47.643 casos de estupro em todo o país. O dado representa um estupro a cada 11 minutos.

A Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) entende que os números são alarmantes e que a escola pode contribuir para transformar essa realidade. O ambiente escolar é o local de aprendizado e vivência das primeiras noções de cidadania de crianças e jovens e deve ser instrumento facilitador para as mudanças necessárias à prevenção e ao enfrentamento da violência contra a mulher.

Nesta publicação, apresentamos informações sobre a cultura do estupro e dicas que podem ajudar no combate a atitudes violentas dentro e fora da escola. Acreditamos que o trabalho de conscientização entre trabalhadores em educação, pais e alunos é uma iniciativa que colabora para um ambiente de paz e tolerância.

A cartilha faz parte da campanha permanente “**Saber amar é saber respeitar**”, lançada pela CNTE para a prevenção de todos os tipos de violência nas escolas. O objetivo é trabalhar, simultaneamente, a temática nas questões que possam ser objeto de preconceito, exclusão ou abuso, nas dimensões de gênero, diversidade sexual e relações étnico-raciais.

Bom trabalho!

Direção Executiva da CNTE

O QUE É A CULTURA DO ESTUPRO?

Na década de 70, as norte-americanas começaram a usar esse termo para apontar comportamentos sutis ou explícitos que silenciam ou relativizam a violência sexual contra a mulher. São mensagens que, de alguma forma, colocam a mulher como objeto ou em situação de inferioridade, e que estão espalhadas pela cultura popular, veículos de comunicação de massa, autoridades, entre outros espaços. Essa cultura funciona como uma rede em que a condenação à vítima de estupro é sempre mais intensa do que a condenação ao ato de violentar uma mulher – o crime de estupro.

Em resumo: **a violência contra a mulher não é natural!** Se há elementos socialmente construídos no cotidiano da família, da escola, das ruas e na mídia, as convenções sociais podem ser transformadas. Educadores e educadoras têm a possibilidade de **desconstruir** os estereótipos no ambiente escolar e interromper o ciclo de violência contra a mulher.



Exemplo de anúncio que objetifica a mulher



EM QUE MOMENTO COMEÇA A CULTURA DO ESTUPRO?

Assim que um bebê nasce, já existe a expectativa sobre o temperamento da criança: se é menino, espera-se que seja agressivo; se é menina, delicada. Meninos são criados para serem corajosos (“Homem de verdade não chora”), enquanto as meninas são preparadas para que se sintam responsáveis pela casa, pelos filhos e, até mesmo, pelas violências que sofrem.

Os julgamentos são alimentados durante a infância e vão se tornando mais complexos na idade adulta. Por isso, o quanto antes estudantes tiverem contato com uma referência mais crítica sobre comportamentos de homens e de mulheres, mais chances de termos uma geração mais pacífica e que respeite as mulheres. A escola tem a responsabilidade de garantir o direito de cada pessoa ter a justa imagem de si e ser tratada com dignidade.





COMO COMBATER A CULTURA DO ESTUPRO NAS SALAS DE AULA?

Em primeiro lugar, os educadores devem se preparar internamente e avaliar as próprias atitudes cotidianas. Responda às seguintes questões:

1. Utilizo palavras que podem ofender mulheres?
2. Estimulo, igualmente, meninos e meninas na realização de tarefas?
3. Atribuo dificuldades do aluno ao gênero a que ele pertence?
4. Trato violência verbal contra mulher como uma brincadeira?
5. Deixo de atender denúncias de violência que acontecem na minha turma?

Se você respondeu **sim** a qualquer uma das questões, comece a mudar o comportamento. O aluno aprende, também, com o exemplo. Você precisa demonstrar que precisamos estar atentos para comportamentos como descritos nas perguntas acima, para não os reproduzir, e fazer da sala de aula um espaço democrático de exercício constante de combate pedagógico às expressões e atitudes discriminatórias. Assim, os estudantes poderão realmente confiar em você, caso aconteça assédio entre eles.

Observe os alunos no dia a dia. Faça intervenções pontuais ao presenciar situações de preconceito ligadas ao gênero. Algumas recomendações:

- Ensine preceitos básicos de consentimento, que é a base para relacionamentos saudáveis não só entre crianças, mas também entre jovens e adultos. Ressalte que é preciso pedir a permissão para tocar no corpo de alguém e que não se deve fazê-lo se a pessoa não consentir explicitamente. Adapte a mensagem de acordo com a faixa etária.
- Oriente os pais de alunos sobre a diferença entre carinho e carícias. E que não devemos fazê-los se sentirem obrigados a ter qualquer contato físico (beijar, abraçar) com adultos, mesmo sendo conhecidos.





- Debata músicas, peças publicitárias, reportagens, videocliques e demais conteúdos que falem sobre as mulheres. Estimule o espírito crítico entre os alunos: faça com que eles observem a maneira como a mulher é retratada. Adapte o conteúdo para faixas etárias.
- Na recreação, estimule brincadeiras em que meninos e meninas possam brincar juntos, sem determinar quem deve fazer o quê. Converse com as crianças sobre o que seria brincadeira de menino ou de menina e aí explique a importância de todos poderem brincar do que desejar, sem estereótipos.
- Após a realização de alguma atividade, convide todos para a limpeza e arrumação da sala em conjunto. Dessa forma os professores podem demonstrar, na prática, que tarefas que envolvem faxina não são exclusividade de meninas.
- Assuma que meninos e meninas têm a mesma capacidade intelectual: encoraje meninas a estudarem disciplinas, como matemática e ciências. Dessa forma você incentivará mais mulheres em profissões dessas áreas.
- Jamais atribua dificuldades ou facilidades de alunos ao sexo deles. Por exemplo: existem meninas fortes e meninos franzinos. E tudo bem! Ninguém é mais ou menos menino, ou menina, por isso.
- Nunca utilize “menina” como sinônimo de “inferior” (exemplos: “chorar é coisa de menina!”; “você joga bola como uma menina”). Ao ver alunos se referindo a colegas dessa forma, chamar a atenção deles e explicar que esse tipo de xingamento é ofensivo e pode ser a porta de acesso para violências ainda mais graves.
- Alertar para as questões de segurança na internet: explicar sobre direitos de uso da imagem e os crimes de injúria, difamação e calúnia. Divulgar imagens de meninas na internet é crime; compartilhar conteúdos que possam ferir a dignidade da pessoa humana também é.

Respeito





MAS NEM TODO HOMEM BATE EM MULHER!

Se é verdade que nem todo homem bate em uma mulher, por outro lado existem muitos comportamentos inconscientes que contribuem, **sim**, para a cultura do estupro. Fazer piadas, cantar músicas que depreciam mulheres, se omitir diante de comentários sexistas: são alguns exemplos que reforçam a objetificação da mulher. A cultura do estupro se alimenta da omissão sistemática dos que não abusam, mas também não fazem nada para interferir quando o abuso acontece.

Podem ser consideradas formas de assédio: cantadas ofensivas ou com apelo sexual indesejado; coerção; violência física; desqualificação intelectual e violência sexual, que vai desde o toque sem consentimento até o estupro.

Pesquisa realizada pelo Instituto Avon em parceria com o Data Popular



PERFIL DO ESTUPRADOR

Se você acha que estuprador é aquele cara cheio de problemas psicológicos e que ataca mulheres desconhecidas em ruas escuras, não se engane: **qualquer homem do seu círculo social pode apresentar esse tipo de comportamento.**

Um levantamento realizado pelo IPEA em 2014 aponta que 24,1% dos agressores das crianças são os próprios pais ou padrastos, e 32,2% são amigos ou conhecidos da vítima. Isso sem contar casos de violência contra a mulher dentro de relacionamentos como namoros e casamentos, onde as linhas entre o consensual e a violência são mais nebulosas.

O que existe são comportamentos e escolhas que levam o sujeito a cometer o estupro. Entre os motivos para isso há a percepção, por parte do abusador, de que o que ele está fazendo não é violência. E isso tem a ver com a educação e a cultura.





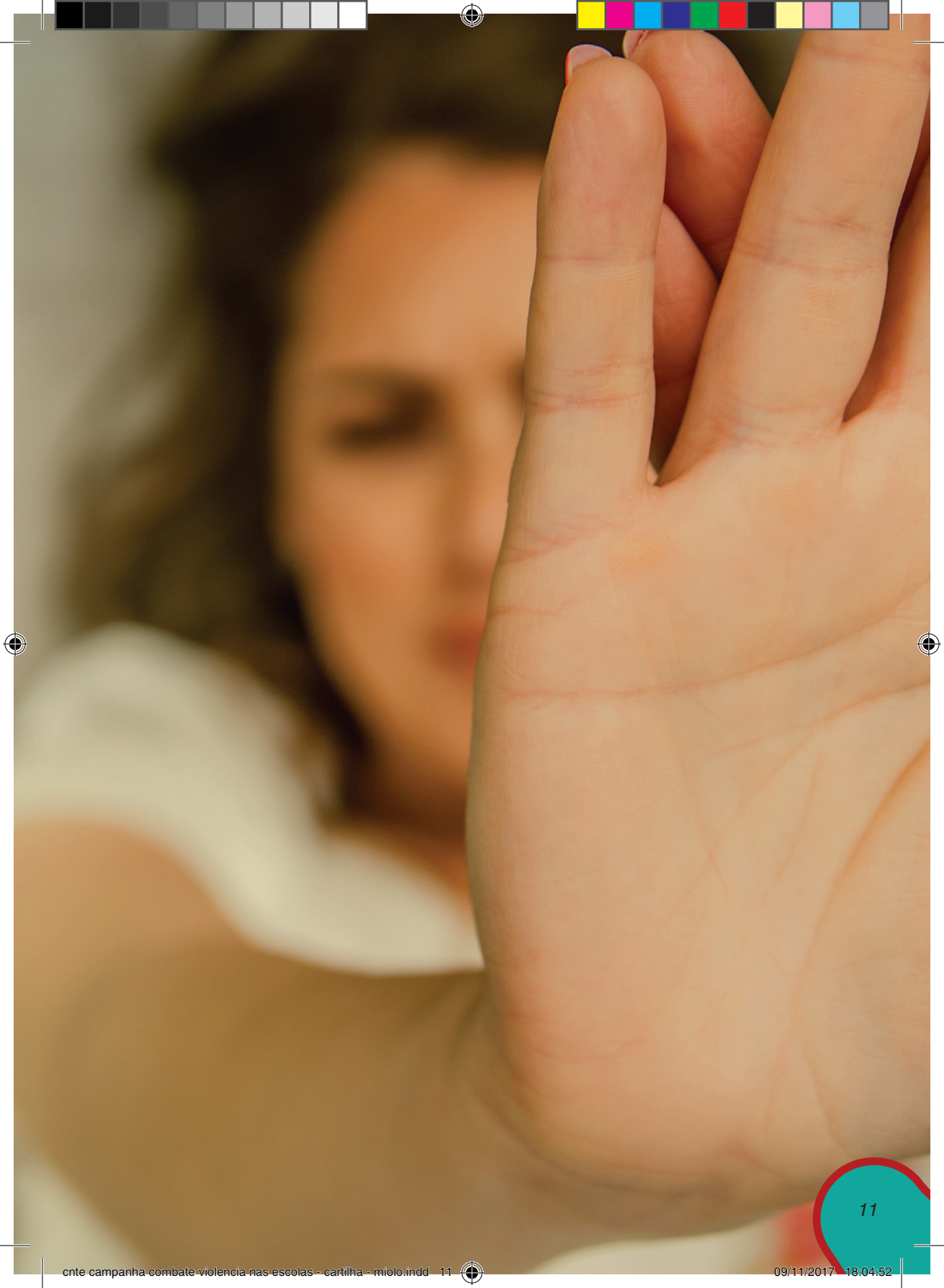
A VÍTIMA NUNCA É CULPADA

O estupro talvez seja o único crime em que a sociedade presume que a vítima esteja mentindo. Quando denunciemos roubo ou assalto, ninguém questiona o comportamento da vítima. Já no caso de violência sexual contra a mulher, a sociedade cobra provas irrefutáveis e, mesmo diante de evidências claras, sempre sobram questionamentos.

Se a mulher é violentada pelo marido, questiona-se o motivo pelo qual ela escolheu se casar com ele. Se continua casada com o agressor, questiona-se a razão pela qual ela não se separa dele. Se ela se separa dele, questiona-se a capacidade dela em “saber manter” o casamento. Os julgamentos nos quais o agressor nunca é responsabilizado pelos atos que comete são alguns dos principais artifícios da cultura do estupro: as mulheres desistem de denunciar agressões porque as consequências podem ser ainda mais graves do que ficar em silêncio.

Quando a mulher denuncia o estupro e não encontra amparo na justiça e nem na opinião pública, ela vivencia mais uma violência psicológica, ter a palavra colocada em dúvida. Isso silencia mulheres e leva a uma subnotificação dos casos de estupro.





DENÚNCIAS



nível 24h, para todo o país. Qualquer pessoa pode entrar em contato, de forma gratuita.

A denúncia de violência doméstica ou contra a mulher pode ser feita em qualquer delegacia, com o registro do boletim de ocorrência, ou pela **Central de Atendimento à Mulher (Ligue 180)**, serviço da Secretaria de Políticas para as Mulheres, disponível 24h, para todo o país. Qualquer pessoa pode entrar em contato, de forma gratuita.



Para crimes que ocorrem na internet, acesse o site: **www.safernet.org.br**.

A SaferNet só pode encaminhar às autoridades competentes as denúncias de crimes contra os Direitos Humanos, cuja ação penal seja pública e incondicionada à representação. Por isso, só recebe, por meio da Central de Denúncias, os casos de pornografia infantil, racismo, homofobia, xenofobia, apologia e incitação a crimes contra a vida e neonazismo.



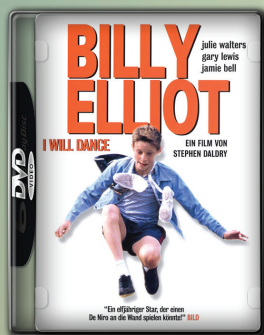
LEGISLAÇÃO

No Brasil, estupro é constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso – conforme definido no capítulo sobre os crimes contra a liberdade sexual do Código Penal, após as alterações promovidas em 2009 com a Lei nº 12.015 (Lei Maria da Penha).

Segundo a OMS, violência sexual é “qualquer ato sexual ou tentativa de obter ato sexual, investidas ou comentários sexuais indesejáveis, ou tráfico ou qualquer outra forma, contra a sexualidade de uma pessoa usando coerção”.

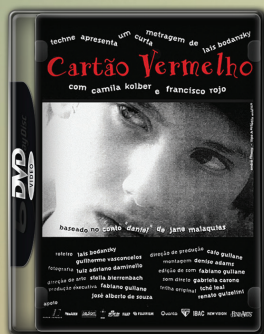


DICAS DE FILMES, LIVROS E REFERÊNCIAS



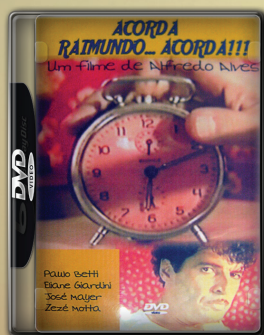
Billy Elliot (Inglaterra, 2000)

Aborda a história de um menino que enfrenta muitas dificuldades por ter o balé como sonho de vida.



Cartão vermelho (Brasil, 1994, 14 min)

Fernanda gosta de jogar futebol com os meninos e joga bem. Para assistir esse curta-metragem, acesse o site Porta Curtas Petrobras <http://www.portacurtas.com.br>



Acorda, Raimundo... Acorda! (Brasil, de Alfredo Alves, Ibase, 1990, 15 min)

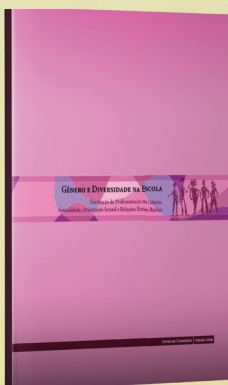
Homens cuidam dos afazeres domésticos e mulheres trabalhando fora: esta é a história de Marta e Raimundo, uma família, seus conflitos e o machismo vividos em um mundo onde tudo acontece ao contrário.



Educar meninas e meninos. Relações de gênero na escola.

Daniela Auad. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

Como se comportam meninos e meninas nos recreios e nas salas de aula? Menino pode fazer balé e menina tocar bateria? A autora analisa a escola mista e propõe a co-educação.



Gênero e Diversidade na Escola - Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais.

Organização: Andreia Barreto, Leila Araújo, Maria Elisabete Pereira.



SABER AMAR
É SABER RESPEITAR



Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Brasil

Filiada à



WWW.CAMPANHASABERAMAR.COM.BR